

O velho Diederichsen

Assim o empresário Antônio era conhecido. Hoje o edifício que leva seu nome é a casa do Inconfidência Ribeirão. O principal símbolo de progresso da cidade carrega parte de sua história, que poucos contemporâneos conhecem.

Ribeirão já era conhecida pelo título de "Capital do Novo Oeste" no século XIX (por representar o progresso e a modernização, algo que relegou a Campinas a insígnia de "Capital do Velho Oeste"). Portanto, não seria o primeiro prédio multifuncional do interior do Brasil que causaria espanto em plena década de 1930. O espírito retribuidor de Antônio Diederichsen (que fez muita riqueza por aqui) tornou possível o pioneirismo da cidade em 22 de setembro de 1934. Eis que em 20 de dezembro de 1936, após dois anos e meio de obras, é inaugurado oficialmente o Edifício Antônio Diederichsen (nomeado de "Palacete Diederichsen" pelos que prestigiaram a inauguração), localizado à Rua Álvares Cabral, 469, logo adiante ao famoso Quarteirão Paulista.

Projetado pelos engenheiros e "arquitetos" Antonio Terreri e Paschoal de Vicenzo, o prédio possui até hoje em seu térreo, primeiro e segundo andares, salas destinadas ao comércio ou prestação de serviços. Diferente dos dias atuais, da inauguração até o final da década de 1970, boa parte das salas eram consultórios médicos e odontológicos devido ao status social que o local representava. Os andares três e quatro representam até hoje dormitórios de moradia fixa, o quinto e o sexto eram o conjunto que comportava o "Grand Hotel", formando assim, o primeiro edifício multifuncional do interior do Brasil. Especificamente no quinto andar, de início funcionava o restaurante do hotel. Segundo relatos de frequentadores antigos do prédio, até circo já se fez no sexto andar.

Segundo o Arquiteto e Urbanista Cláudio Baúso, a arquitetura do edifício segue um visual Art déco (estilo arquitetônico onde as fachadas têm rigor geométrico e ritmo linear, com fortes elementos decorativos em materiais nobres), em seu exterior, o prédio possui uma porção de dolomita moída adicionada ao cimento da parede, para assim brilhar com a luz radiante do sol que pouco se ausenta em Ribeirão Preto.

Junto com o "Palace Hotel" (aquele ao lado do Teatro Pedro II, na esquina com a Rua Duque de Caxias), o "Grande Hotel" era dos mais cobiçados e prestigiados hotéis da cidade nos dois primeiros terços do século XX. Dentre vários nomes



1936 - 2009



Desgaste histórico

importantes, o "Grande" já abrigou figuras como Adhemar de Barros (ex-governador de São Paulo) e Getúlio Vargas.

Antônio Diederichsen, como um de seus últimos gestos que confirmaram um espírito cívico ímpar, deixou a direção do prédio nas mãos da Santa Casa de Misericórdia de Ribeirão Preto, que até hoje mantém a governança do local.

Da janela do Dr. Gabarra

Sala 230. Sessenta e três anos de história para contar. Darcy Gabarra, 86 anos, cirurgião dentista especialista em prótese, viu da janela de seu consultório a história de Ribeirão Preto ser moldada. Desde os tempos de faculdade na década de 1940, quando cursou odontologia na Faculdade de Farmácia e Odontologia de Ribeirão Preto e tinha cinco irmãos dentistas trabalhando no Diederichsen (cada um com uma sala própria), o Dr. Gabarra já os ajudava na montagem das próteses (área em que mais tarde ele seria uma referência acadêmica e profissional).

Da janela da sala 230 (que viria a se tornar

dele pouco tempo depois), Gabarra relata: "Na época em que comecei aqui [1947], era um sossego só. Como eram só médicos e dentistas, o silêncio imperava. Praticamente não existiam carros e esse mundo de pessoas lá fora. Não havia toda essa gritaria, helicópteros, buzinas, anúncios falados em megafones, etc."

O que consideramos o avanço da civilização, de fato não fez bem a esse sênior da odontologia. Hoje, onde há somente paredes e concretos, já foi uma vista bem mais a aprazível. "Aqui podia se ver a Vila Tibério inteira. Dava pra ver até lá na USP. Podia ficar vários minutos apreciando a paisagem. Hoje se você olhar aqui só verá os luminosos das lojas e janelas de prédios do outro lado da rua. É o mais longe que se vê".

Daqui ninguém sai

Danilo Santana Reis, oito anos de Diederichsen. Veio de Salvador, Bahia direto para seu apartamento. Desde então faz a vida aqui na cidade. Diz que não pretende sair tão cedo do prédio, diz que pretende morar

e trabalhar lá "até quando Deus permitir". Trabalha como porteiro desde que chegou. Complementa a vida com serviços de electricista. Como diria o velho jargão de rodeio, "não leva a vida que ama, mas ama a vida que leva".

Ele tem motivos. Apesar de localizado no centro territorial e comercial da cidade, o interior do edifício é muito sossegado. "Aqui nunca se ouviu falar de roubo, briga ou qualquer coisa de ruim.

É um lugar tão bom que quem chega para morar aqui não quer sair".

Bruno Gallucci – filho de Giuliano Gallucci (fundador do "Grande Hotel") – morou no prédio com seu pai de 1937 até 1953. Daquela época, Bruno só guarda boas lembranças. Veio da Itália com seus pais, aonde nasceu, após breve volta de seu pai à terra natal depois da vida feita.

Apesar de italiano, seu pai tinha um amor pela nossa pátria varonil que poucos tem. Foi a pátria que o acolheu no final do século XIX. Veio para cá sozinho e esta pátria o ajudou a crescer e se tornar um dos maiores empreendedores do ramo hoteleiro do Brasil na primeira metade do século XX.

Bruno guarda relíquias. Jóias inestimáveis. Uma delas é a série de cardápios do restaurante do hotel que seu pai formulou na década de 1930. Nas capas, fotos das belezas naturais do Brasil. Relíquias pouco apreciadas nos dias de hoje.

Bruno seguiu a vida de bancário e empresário no ramo de produção de eventos junto de seu filho Élio. Os dois foram os produtores da estrutura de som utilizada na "Diretas Já" carioca e paulista (aquela que parte da mídia noticiou como "Festa de aniversário da cidade São Paulo").

Esse edifício tem história...

Infraestrutura e restauração

Declarado "Bem Cultural" em 01 de setembro de 2005 no Diário Oficial do Estado de São Paulo, o Edifício Diederichsen passa agora por um estudo liderado pelo arquiteto e urbanista especializado em patrimônios históricos Cláudio Baúso.

O estudo tem como objetivo realizar a restauração do prédio e, na medida do possível, torná-lo mais fiel ao visual pertencente ao edifício à época de sua inauguração em 1937. "A prioridade da restauração é na parte exterior, a que dialoga com a cidade" diz Baúso.

Além da restauração, o líder do projeto diz que serão feitas mudanças para garantir

a acessibilidade aos deficientes, visto que, na época da construção, não existiam tais exigências.

Na parte elétrica, Cláudio diz que não é um problema a ser resolvido. “As ligações elétricas e telefônicas aqui do prédio são bem precárias. Hoje em dia com as novas tecnologias, acabou se fazendo um amontoado de gambiarras. Se fôssemos mexer nessa parte, o preço do projeto dobraria”.

Para se ter ideia, a fiação antiga do prédio (que não é mais usada), tinha a parte elétrica coberta por chumbo, para que não houvesse interferência eletromagnética nas ligações

telefônicas. Um metro desse tipo de encape de chumbo pesa, no mínimo, 20 vezes mais que a metragem de fio dos sistemas atuais. “Mesmo assim não há problemas, o prédio foi projetado para suportar esse peso” lembra o arquiteto.

Outra parte a ser renovada são os três elevadores (dois presentes na entrada da Álvares Cabral e um na entrada da São Sebastião). Cada um custará 60 mil. Além deles serão colocadas novas peças de mármore nas escadas que dão acesso ao primeiro andar na entrada da Álvares. Originalmente, cada peça tinha 3 cm de

espessura. Com o tempo, e o desgaste causado pelo trânsito de pessoas ao longo de 75 anos, cada peça hoje tem no máximo 1 cm de espessura. O desgaste, segundo Cláudio Baúso, acontece pelo fato do mármore ser uma pedra porosa, que perde partes conforme o atrito.

Esquina da história

Sem choro nem vela e, muito menos jabá, a Única, na esquina da Álvares Cabral com a São Sebastião tornou-se, ponto obrigatório para se discutir a

história de Ribeirão Preto. Sem distinção de classes, o local tem uma “aura” de história. Recebe do mais alto executivo ao vendedor ambulante.

Não há censura para assuntos. Do “Come-Fogo” ao “San-São”; do acidente de carro ao crime bárbaro que enxurrou os noticiários do país. Nas manhãs do local já se discutiram o Bandido da Luz Vermelha, o comício de Getúlio Vargas, o sequestro de Silvio Santos, os incêndios do Joelma e do Andraus. Além do respeito pelas pessoas que nunca é o mesmo de antigamente.

ENSAIO: EDIFÍCIO ANTÔNIO DIEDERICHSEN

Vitor Pasqualim

